

Pela continuidade e desenvolvimento do Museu de Pintura de Doentes e das Neurociências no Hospital Miguel Bombarda

- Apelo à Senhora Ministra da Saúde e à Senhora Ministra da Cultura

O Pavilhão de Segurança, Enfermaria Museu, do Hospital Miguel Bombarda, Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa, é, actualmente, um espaço museológico singular e de enorme valor, apesar de ainda pouco conhecido pelo grande público.

De criação recente, dotado de meios financeiros e humanos muito reduzidos, embora com o apoio da estrutura hospitalar, o Museu consubstancia um projecto que foi ganhando forma e dimensão. Merece especial destaque o estudo histórico que conduziu à classificação como Imóveis de Interesse Público, em 2001, do edifício e do Balneário D. Maria II, bem como as obras de restauro e, paralelamente, a permanente recolha e salvaguarda do património móvel do primeiro hospital psiquiátrico do país, fundado em 1848.

Recorde-se que neste Hospital ocorreram as principais inovações no domínio da psiquiatria, através do exercício das suas grandes figuras, como Miguel Bombarda, Júlio de Matos, Sobral Cid, Barahona Fernandes, Eduardo Cortesão, ou ainda o neurologista e cientista-médico Marck Athias e, noutro registo, o escritor-médico António Lobo Antunes.

O Pavilhão de Segurança, de 1896, não é um edifício onde se instalou um museu, antes constitui uma importante componente museológica, tal como acontece nas Casa-Museu. É um dos raríssimos edifícios circulares panópticos existentes no mundo, aqui com pátio a descoberto (para beneficiar o estado mental dos pacientes e prevenir a transmissão de doenças) e apresentando arredondamentos generalizados de arestas (para evitar contusões). Estes aspectos racionalistas, aliados a uma cativante beleza de escala e proporções, fazem dele uma construção de vanguarda a nível internacional, precursora do design e arquitectura modernas, das décadas de 1920 e 1930. O seu recente restauro, realizado com absoluto critério, permite, a todos os visitantes, a compreensão imediata destes valores.

O Museu dispõe de vários arquivos específicos, mas complementares: um arquivo de centenas de livros manuscritos, e outros documentos (como os relativos a Miguel Bombarda), dos quais se destacam os livros de registo de todos os doentes desde 1848 (identificação, idade, diagnóstico, etc), de enorme relevância para diferentes domínios científicos; o acervo de material clínico e hospitalar, remontando ao séc. XIX; um arquivo fotográfico (mais de 4500 exemplares), incluindo 1100 notáveis fotografias de doentes (um elemento de diagnóstico da época), de finais do séc. XIX até à década de 1930, uma colecção única no país, além das imagens sobre o quotidiano hospitalar ao longo do tempo.

O Museu dispõe ainda da mais antiga e maior colecção de Pintura de Doentes do país (incluindo também desenhos, pequenas esculturas ou azulejos), permitindo a descoberta e a revelação de uma outra arte portuguesa, com 3500 obras, desde 1902. Elas abrangem uma rara gama de temáticas, abordagens e emoções, de artistas como Jaime, Hélio, Demétrio, Valentim ou José Gomes, a maioria de genuína Outsider Art – Art Brut – Arte Crua (conceito inventado por Jean Dubuffet para designar a arte fruto do sentir profundo, espontânea e desligada das tendências dominantes, de autores sem formação ou autodidatas) mas também arte naïf e arte convencional.

Realce-se que Miguel Bombarda criou, no Hospital, uma colecção/museu de pintura e poesia de doentes, das primeiras no mundo, ainda no séc. XIX,

lamentavelmente desaparecida há muito, por incúria que importa não esquecer ... E que no Hospital e no Pavilhão esteve internado, por trinta anos, Jaime Fernandes, artista português de Outsider Art – Arte Crua de renome internacional, representado no Museu de Lausanne, fundado por Dubuffet, na Colecção ABCD, e exposto em Nova Iorque. Os geniais desenhos de Jaime, perante a ignorância da direcção hospitalar foram então em parte destruídos, salvando-se os guardados por alguns funcionários.

Vários beneméritos têm depositado obras no museu, que se tornarão doações se o projecto continuar no local. Destaque-se um desenho-pintura de Jaime Fernandes e um guache de António Gameiro, de 1902, que certamente integrava a colecção recolhida por Bombarda ... E muitas outras obras serão com certeza doadas.

O Museu homenageia as pessoas com perturbação mental, a sua sensibilidade e inteligência, contra o preconceito. O único museu do país de Arte Crua - Outsider Art é reconhecido no estrangeiro (o site da Colecção ABCD, de Paris, a segunda mais relevante, a seguir à de Lausanne, integra-o na lista deste tipo de museus)

Apesar de pouco divulgado pelos media, foi visitado por cerca de 15000 pessoas, destacando-se as visitas de grupo, de estudantes e de associações culturais. Tem participado em todas as Jornadas do Património e Dias dos Monumentos, com exposições temporárias e conferências, e tem estado aberto à realização de espectáculos e até à rodagem de filmes. É membro da Associação Portuguesa de Museologia e da Associação Europeia dos Museus de História das Ciências Médicas.

Mas, o encerramento do Hospital Miguel Bombarda no final do ano de 2010, coloca em perigo imediato a própria existência deste notável Museu de Sítio, dado que a Senhora Ministra da Saúde, até agora, não garantiu a sua continuidade. A gravidade da situação é acrescida neste momento com a decisão de destruir a parte antiga dos arquivos, incluindo processos clínicos e documentos desde o séc. XIX, configurando uma perda irreparável.

No entanto, o encerramento do Hospital pode constituir uma oportunidade única para desenvolver o projecto museológico e dotá-lo de autonomia e de meios de suporte sólidos, até com custos reduzidos.

Portugal, a cidade de Lisboa, a arte e a ciência, muito têm a ganhar com a existência de um Museu identitário e de prestígio, dedicado à Outsider Art – Arte Crua e às Neurociências. Uma arte reconhecida internacionalmente (quase ignorada entre nós), e que é também factor de humanização e de auto-estima para as pessoas com perturbação mental. Além da dimensão artística, ele é igualmente relevante para a ciência, sendo já, no local certo, um pólo de um futuro Museu da Medicina e da Assistência.

O desenvolvimento do Museu, nestes moldes, compreenderia o aumento do acervo por doação e aquisição; incluiria, além do Panóptico, o belíssimo Balneário D. Maria II (de 1853, com o seu equipamento para banhos terapêuticos psiquiátricos, considerado na época o melhor da Europa) e os actuais arquivos e serviços administrativos do Museu; finalmente, a área estritamente protegida adjacente ao Balneário no edifício conventual, onde se situa a entrada, com a imponente escadaria em ferro e o gabinete onde o Prof. Miguel Bombarda, dirigente da revolução republicana, foi assassinado (zona prevista de utilização pública pelo próprio estudo prévio da Sagestamo, empresa pública que adquiriu os terrenos, apresentado na CML).

Este crescimento tornará possível a existência de salas para exposições temporárias, para o melhor acondicionamento das preciosas colecções e arquivos (incluindo os processos clínicos), com centro de documentação e pesquisa próprio, auditório (no Salão Nobre, com painéis de azulejaria do séc. XVIII), loja e café, e, bem

necessário mas também simbólico, o funcionamento de um Atelier de Arte Crua, espaço aberto e vivo, onde doentes poderão criar com prazer e livremente.

O desenvolvimento do Museu, (com custos, incluindo o restauro do Balneário D. Maria II, co-financiados pela EU, correspondentes a uma pequeníssima parcela do produto da venda do hospital, 25 milhões de euros) não é incompatível com a urbanização da maioria dos quatro hectares do terreno. Antes pelo contrário. O Museu ganhará significativamente em acessibilidade com a abertura de uma entrada pela Rua Gomes Freire. E os edifícios a reabilitar ou a construir serão enquadrados pelos belos imóveis museológicos, não descaracterizados.

Certos da justeza do exposto, da consequente valorização cultural que proporcionará ao país, sem esquecer o efeito económico multiplicador de um foco sui generis de turismo cultural, apelamos à Ministra da Saúde e à Ministra da Cultura que assegurem, urgentemente, a continuidade do Museu no local, bem como o seu desenvolvimento, aproveitando positivamente as transformações anunciadas.

Subscritores

- Simoneta Luz Afonso (Presidente da Assembleia Municipal de Lisboa)
- Raquel Henriques da Silva (Prof. de História de Arte, Universidade Nova de Lisboa)
- Luís Raposo (Presidente da Comissão Nacional Portuguesa do ICOM, International Council of Museums)
- João Neto (Presidente da APOM, Associação Portuguesa de Museologia)
- António Lobo Antunes (escritor e médico psiquiatra)
- João Lobo Antunes (Professor Catedrático e neurocirurgião)
- Júlio Pomar (artista plástico)
- Eduardo Nery (artista plástico)
- Joana Vasconcelos (artista plástica)
- Rui Mário Gonçalves (Professor Catedrático Jubilado, Historiador de Arte)
- Vítor Serrão (Prof. Catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa, Instituto de História de Arte)
- José Meco (Historiador)
- Maria Margarida Cordeiro (realizadora de cinema, dos filmes "Jaime", "Trás-os-Montes", etc, com António Reis, médica psiquiatra)
- José Aguiar (Arquitecto, Presidente do ICOMOS, International Council of Monuments and Sites, Portugal)
- José Joaquim Nogueira da Rocha (Prof., Presidente da Sociedade Portuguesa de História dos Hospitais)
- José Morais Arnaud (Presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses)
- Maria Filomena Mónica (Doutorada em Sociologia, investigadora e escritora)
- António Barreto (Presidente da Fundação Francisco Manuel dos Santos, sociólogo)
- Paula Teixeira da Cruz (advogada)
- Helena de Freitas (Directora do Museu Casa das Histórias Paula Rego)
- Alexandre Pomar (Jornalista)
- Paulo Ferrero (Dirigente do Fórum Cidadania Lx)
- João Pinharanda (Historiador de Arte, Curador, Conselheiro da Fundação EDP)
- John Maizels (Director da principal revista internacional de Outsider Art – Arte Crua, Raw Vision)

Depoimentos de Apoio

Prof. António Damásio

(Professor de Neurociências, Director do Instituto do Cérebro e Criatividade, Universidade da Califórnia do Sul)

"I hope that the Miguel Bombarda Museum of Neuroscience and Patient Art can be saved in its entirety. The destruction of these archives would be a serious loss"

"Espero que o Museu de Neurociências e Arte de Doentes do Hospital Miguel Bombarda possa ser salvo na sua totalidade. A destruição desses arquivos representaria uma enorme perda"

Paula Rego

(artista plástica)

"Existem em Lausanne, em Nova York em todo o mundo museus dedicados a Arte Marginal "Art Autre".

Visões directas do Inconsciente que nos ensina e nos comove profundamente. É a arte que mais admiro.

Dediquei anos ao Henry Darger empregado de hospital de Chicago sem treino artístico que criou um mundo belo e negro de fantasia contando a história das Vivian Girls.

Desenhar pintar esculpir bordar fazer misturas é o melhor tratamento, o único mesmo, para as angústias mentais.

Os aflitos têm de ter acesso a espaço com material de arte para eles próprios descobrirem o que os tortura "

Lisboa Movimento defende preservação de património histórico e médico

Grandes nomes da cultura e ciência cerram fileiras pelo Hospital Miguel Bombarda

Arquivo médico e acervo de obras artísticas feitas pelos doentes mentais pode estar em risco, temem os signatários de um apelo que será entregue hoje às ministras da Saúde e da Cultura

Ana Henriques

● Um apelo em defesa do património edificado e do arquivo do Hospital Miguel Bombarda em Lisboa é hoje entregue às ministras da Saúde e da Cultura. A pintora Paula Rego e o investigador de neurociências António Damásio são algumas das figuras que dão a cara por esta causa.

O hospital encerra no final do ano. O destino dos seus edifícios mais notáveis, considerados únicos, e também das obras de arte produzidas pelos seus doentes no último século, expostas num museu criado no local, está a preocupar grandes figuras da cultura portuguesa, como António Lobo Antunes, Júlio Pomar ou Joana Vasconcelos, entre outros.

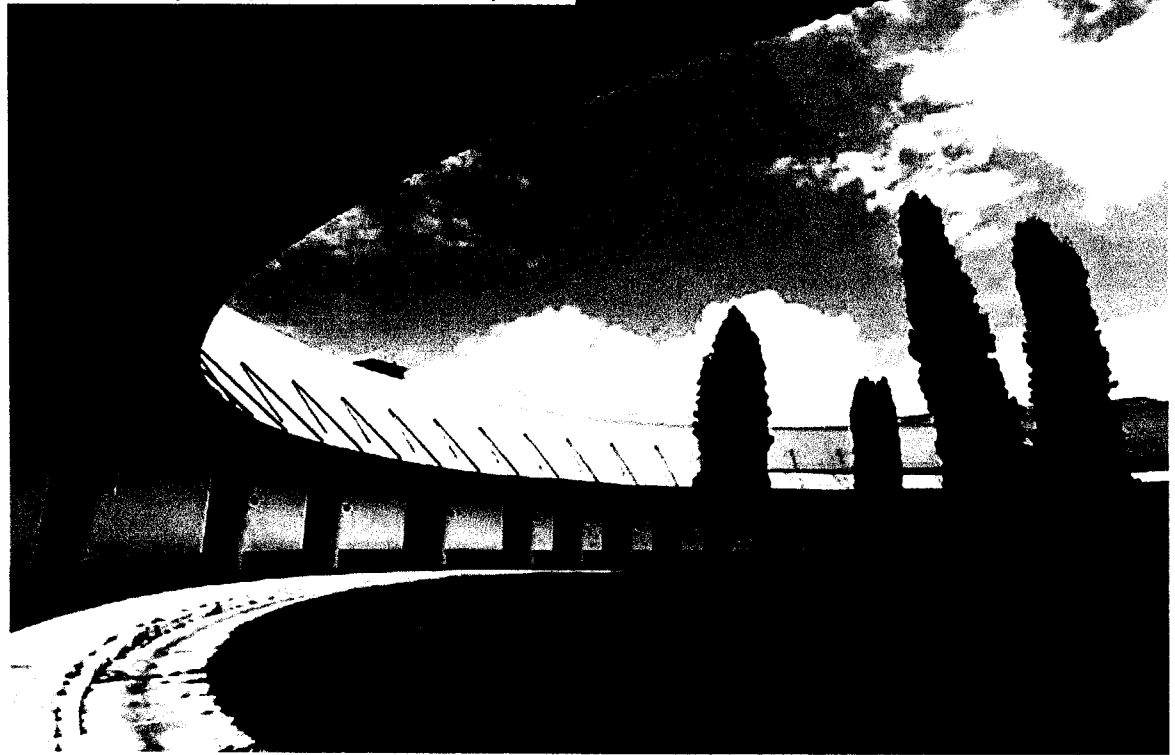
Além de um vasto arquivo médico — que inclui um espólio fotográfico —, o museu dispõe da maior e mais antiga coleção de pintura de doentes do país. Desenvolvida por autodidactas, a chamada *outsider art*, ou arte crua, é um género reconhecido internacionalmente. “O encerramento do hospital coloca em perigo imediato a existência deste notável museu, dado que a senhora ministra da Saúde não garantiu até agora a sua continuidade”, refere o apelo, assinado também pelos sociólogos António Barreto e Maria Filomena Mónica. “A gravidade da situação é acrescida neste momento, com a decisão de destruir a parte antiga dos arquivos, incluindo processos clínicos e documentos desde o séc. XIX — o que configura uma perda irreparável.”

“Nebuloso”, diz Simonetta

A unidade museológica está instalada no panorâmico, um edifício circular único em Portugal e em vias de classificação patrimonial — o Pavilhão de Segurança, um imóvel de 1896 com um pátio descoberto, para beneficiar o estado mental dos pacientes e evitar a transmissão de doenças. “Penso que na Europa só haverá mais três edifícios deste tipo”, explica a primeira signatária do documento, a presidente da Assembleia Municipal de Lisboa, Simonetta Luz Afonso.

Outro edifício de relevo, e igualmente em vias de classificação como imóvel de interesse público, é o balneário de D. Maria II. O hospital pertence neste momento à Estamo, empresa pública que tem como função vender património do Estado, e que é também proprietária dos hospitais do Desterro, de Santa Marta,

Pavilhão de segurança do hospital está em vias de classificação



de S. José e dos Capuchos. A Estamo entregou já na Câmara de Lisboa um estudo prévio do atelier de arquitectura Belém Lima que prevê a transformação do edifício principal, um antigo convento, em apartamentos, escritórios e lojas. O estudo prevê a “reconversão” dos dois edifícios em vias de classificação.

Para os subscritores do apelo, o encerramento do Miguel Bombarda, nas imediações do Campo de Santana, pode constituir uma oportunidade única para expandir o museu — ideia que garantem não ser incompatível com a prevista urbanização da maioria dos quatro hectares de terreno.

“Portugal, a cidade de Lisboa, a arte e a ciência têm muito a ganhar com a existência de um museu identitário e de prestígio, dedicado à *outsider art* e às neurociências”, argumentam. Custaria apenas uma ínfima parcela dos 25 milhões de euros pelos quais os

Depoimentos

Paula Rego
Pintora



Existem em Lausanne, em Nova Iorque e em todo o mundo museus

dedicados à arte marginal, *art autre*. Visões directas do inconsciente que nos ensinam e nos comovem profundamente. É a arte que mais admira. Dediquei anos ao Henry Darger, empregado de um hospital de Chicago sem treino artístico, que criou um mundo belo e negro de fantasia contando a história das Vivian Girls. Desenhar, pintar, esculpir, bordar, fazer misturas

é o melhor tratamento, o único mesmo, para as angústias mentais. Os aflitos têm de ter acesso a espaço com material de arte para eles próprios descobrirem o que os tortura.

António Damásio
Neurocientista



Espero que o Museu de Neurociências e Arte de Doentes do Hospital Miguel Bombarda possa ser salvo na sua totalidade. A destruição desses arquivos representaria uma enorme perda.

terrenos foram vendidos, calculam. E as obras ainda poderiam ser comparticipadas pela União Europeia.

Na opinião de Simonetta Luz Afonso, tal como para a especialista em história de arte Raquel Henriques da Silva, o mais inquietante é a falta de esclarecimentos por parte da tutela. “Há uma nebulosidade à volta deste assunto que queremos clarificar”, diz a primeira.

E também não foi ainda desta vez que o Ministério da Saúde esclareceu a questão. Apesar de as preocupações levantadas no apelo não serem uma novidade — já haviam sido transmitidas antes à tutela e também à direcção do hospital por outras pessoas empenhadas na preservação do museu e dos imóveis —, uma porta-voz do Ministério da Saúde alegou ontem ao PÚBLICO que, à hora a que foi questionada, às 18h, “não foi possível responder”.

Deve ser garantida, urgentemente, a unidade e a complementaridade de arquivos, colecções e restante acervo

Hospital Miguel Bombarda: um tesouro para o futuro

Muito poucos se foram apercebendo de um tesouro escondido em Lisboa.

Além de edifícios belíssimos e únicos, agora reconhecidos com a classificação de conjunto de interesse público (Balneário D. Maria II, de 1853, e Pavilhão de Segurança, de 1896), o Hospital Miguel Bombarda (o terceiro grande hospital português, de 1848, a seguir ao Hospital de São José, em Lisboa, e ao Hospital de Santo António, no Porto, e onde exerceram as maiores figuras da psiquiatria portuguesa), possui um património artístico e arquivístico impar no país, e raro no contexto europeu.

O Pavilhão de Segurança-Museu dispõe de uma colecção de arte de doentes desde o início do século XX, com perto de 4000 obras, abrangendo variadíssima gama de tipologias (pré-surrealista, dismórfico, traço automático, abstracto-expressionista, etc.), reconhecida como de enorme valor a nível europeu por peritos estrangeiros (ver PÚBLICO de 2/2/2011). Arte *Naïf* e convencional, mas a maioria *Art Brut*, Arte Crua ou *Outsider Art*, com relevante conjunto datado dos anos 1920 e 1930, semelhante, em pureza criadora, à lendária colecção Prinzhorn, da mesma época, além de autores como o famoso Jaime Fernandes.

O museu também possui uma colecção de fotografia com 4500 exemplares, 1100 dos quais retratos de doentes para diagnóstico, desde o século XIX, sem paralelo

nacional, além de centenas de páginas em prosa e verso, desenhos de tatuagens, etc., e do acervo de material clínico e hospitalar.

Mas, sobretudo, o Hospital Miguel Bombarda conservou ao longo de 160 anos um arquivo hospitalar, específico das instituições psiquiátricas, que constitui um autêntico tesouro patrimonial para o país, e inclusive para a Europa, dada a sua antiguidade e integralidade (em muitos países desapareceram décadas de documentação, principalmente por más condições de armazenamento).

Dezenas de milhares de processos clínicos, desde as singelas papeletas do século XIX até às histórias clínicas do período Sobral Cid, verdadeiras peças literário-clínicas, incluindo a sintomatologia contada em discurso directo pelos doentes, árvores geneológicas, estudos morfológicos, rigorosa descrição da patologia e sua evolução, etc.

E, somente neste hospital, livros de registo sequencial de todos os doentes desde 1848, e, além dos processos clínicos, dezenas de milhares de processos de admissão e de processos médico-legais, de todo o país e de todos os estratos sociais, contendo ofícios de câmaras, tribunais, polícia, exército, e outras entidades, enviando doentes e cidadãos, cartas de médicos, cartas de familiares e de empresas ou dos próprios doentes, descrevendo os episódios de loucura, de crimes e roubos, de comportamentos considerados anti-sociais, troca de correspondência, etc. E ainda a documentação da direcção do hospital e dos diver-

sos sectores e serviços, incluindo livros de ocorrências. Uma fonte riquíssima e única para a investigação de ponta no campo das Neurociências (como mostra António Damásio), mas também um outro e profundo olhar sobre Portugal, de enorme importância para a investigação nos domínios da História, da História da Arte, da Sociologia, da Antropologia ou da Criminologia. São arquivos e colecções complementares: um doente está geralmente referenciado em diversos tipos de arquivos, por exemplo o autor de um desenho.

Deve assim ser garantida, urgentemente, dado o hospital estar prestes a encerrar, a unidade e a complementaridade de arquivos, colecções e restante acervo. Este tesouro arquivístico deve ser classificado como património nacional, e não deve ser disperso, mas sim permanecer nas históricas instalações hospitalares, integrado no Museu de Arte de Doentes e Neurociências (renovado e alargado, prestigioso para a cidade e o país), correctamente inventariado e acondicionado, e disponível a investigadores, tal como proposto às ministras da Saúde e da Cultura no apelo de 23 de Dezembro subscrito por grandes personalidades da Ciência e da Cultura.

Que a nossa elite, e os nossos políticos e decisores, compreendam sem delongas: os arquivos e as colecções do Hospital Miguel Bombarda são relevantíssima componente da Cultura portuguesa, são um tesouro para o futuro. *Historiador*

**Vítor
Albuquerque
Freire**

PÚBLICO 13/2/2011

Lisboa Movimento defende preservação de património histórico e médico

Grandes nomes da cultura e ciência cerram fileiras pelo Hospital Miguel Bombarda

Arquivo médico e acervo de obras artísticas feitas pelos doentes mentais pode estar em risco, temem os signatários de um apelo que será entregue hoje às ministras da Saúde e da Cultura

Ana Henriques

● Um apelo em defesa do património edificado e do arquivo do Hospital Miguel Bombarda em Lisboa é hoje entregue às ministras da Saúde e da Cultura. A pintora Paula Rego e o investigador de neurociências António Damásio são algumas das figuras que dão a cara por esta causa.

O hospital encerra no final do ano. O destino dos seus edifícios mais notáveis, considerados únicos, e também das obras de arte produzidas pelos seus doentes no último século, expostas num museu criado no local, está a preocupar grandes figuras da cultura portuguesa, como António Lobo Antunes, Júlio Pomar ou Joana Vasconcelos, entre outros.

Além de um vasto arquivo médico - que inclui um espólio fotográfico -, o museu dispõe da maior e mais antiga coleção de pintura de doentes do país. Desenvolvida por autodidactas, a chamada *outsider art*, ou arte crua, é um género reconhecido internacionalmente. "O encerramento do hospital coloca em perigo imediato a existência deste notável museu, dado que a senhora ministra da Saúde não garantiu até agora a sua continuidade", refere o apelo, assinado também pelos sociólogos António Barreto e Maria Filomena Mónica. "A gravidade da situação é acrescida neste momento, com a decisão de destruir a parte antiga dos arquivos, incluindo processos clínicos e documentos desde o séc. XIX - o que configura uma perda irreparável."

"Nebuloso", diz Simonetta

A unidade museológica está instalada no panóptico, um edifício circular único em Portugal e em vias de classificação patrimonial - o Pavilhão de Segurança, um imóvel de 1896 com um pátio descoberto, para beneficiar o estado mental dos pacientes e evitar a transmissão de doenças. "Penso que na Europa só haverá mais três edifícios deste tipo", explica a primeira signatária do documento, a presidente da Assembleia Municipal de Lisboa, Simonetta Luz Afonso.

Outro edifício de relevo, e igualmente em vias de classificação como imóvel de interesse público, é o balneário de D. Maria II. O hospital pertence neste momento à Estamo, empresa pública que tem como função vender património do Estado, e que é também proprietária dos hospitais do Desterro, de Santa Marta,

Pavilhão de segurança do hospital está em vias de classificação



de S. José e dos Capuchos. A Estamo entregou já na Câmara de Lisboa um estudo prévio do atelier de arquitectura Belém Lima que prevê a transformação do edifício principal, um antigo convento, em apartamentos, escritórios e lojas. O estudo prevê a "reconversão" dos dois edifícios em vias de classificação.

Para os subscritores do apelo, o encerramento do Miguel Bombarda, nas imediações do Campo de Santana, pode constituir uma oportunidade única para expandir o museu - ideia que garantem não ser incompatível com a prevista urbanização da maioria dos quatro hectares de terreno.

"Portugal, a cidade de Lisboa, a arte e a ciência têm muito a ganhar com a existência de um museu identitário e de prestígio, dedicado à *outsider art* e às neurociências", argumentam. Custaria apenas uma ínfima parcela dos 25 milhões de euros pelos quais os

Depoimentos

Paula Rego
Pintora



Existem em Lausanne, em Nova Iorque e em todo o mundo museus

dedicados à arte marginal, *art autre*. Visões directas do inconsciente que nos ensinam e nos comovem profundamente. É a arte que mais admiro. Dediquei anos ao Henry Darger, empregado de um hospital de Chicago sem treino artístico, que criou um mundo belo e negro de fantasia contando a história das Vivian Girls. Desenhar, pintar, esculpir, bordar, fazer misturas

é o melhor tratamento, o único mesmo, para as angústias mentais. Os aflitos têm de ter acesso a espaço com material de arte para eles próprios descobrirem o que os tortura.

António Damásio
Neurocientista



Espero que o Museu de Neurociências e Arte de Doentes do Hospital Miguel Bombarda possa ser salvo na sua totalidade. A destruição desses arquivos representaria uma enorme perda.

terrenos foram vendidos, calculam. E as obras ainda poderiam ser compartilhadas pela União Europeia.

Na opinião de Simonetta Luz Afonso, tal como para a especialista em história de arte Raquel Henriques da Silva, o mais inquietante é a falta de esclarecimentos por parte da tutela. "Há uma nebulosidade à volta deste assunto que queremos clarificar", diz a primeira.

E também não foi ainda desta vez que o Ministério da Saúde esclareceu a questão. Apesar de as preocupações levantadas no apelo não serem uma novidade - já haviam sido transmitidas antes à tutela e também à direcção do hospital por outras pessoas empenhadas na preservação do museu e dos imóveis -, uma porta-voz do Ministério da Saúde alegou ontem ao PÚBLICO que, à hora a que foi questionada, às 18h, "não foi possível responder".



Arte Bruta

Mundos inteiros dentro da cabeça deles

Há pessoas que fazem centenas, milhares de desenhos, que pintam obsessivamente durante anos, que criam obras de arte em quartos fechados ou em enfermarias de hospitais psiquiátricos. Não se vêem como artistas, mas há já vários museus por todo o mundo com o seu trabalho. Em Portugal existe uma colecção de Arte Bruta, do Hospital Miguel Bombarda, com “grande valor histórico”, dizem os peritos. *Por Alexandra Prado Coelho*

● Os vizinhos não tinham dúvidas de que Henry Darger era um homem estranho. Discreto, metido consigo, este guarda de um hospital ia de casa para o emprego, em Chicago, e só saía novamente para ir à missa - o que chegava a fazer cinco vezes por dia. Mas o que era realmente estranho era o facto de ele apanhar lixo na rua e levá-lo para casa.

No entanto, nada disto fazia adivinhar o que se passava dentro do quarto alugado em que Darger vivia há 31 anos, no número 851 da Webster Avenue. E sobretudo o que se passava dentro da sua cabeça.

Quando Darger, já com dificuldade em subir as escadas, teve que ir para um asilo, o fotógrafo e designer Nathan Lerner, que era seu senhorio e de certa forma protector (manteve-lhe a renda baixa e até lhe organizou uma festa de anos, conta John Macgregor na biografia que escreveu de Darger), fez uma descoberta extraordinária.

No quarto de Darger, por entre caixas de tintas, e de lápis de cores, e pilhas de revistas, estava uma obra de dimensão esmagadora: só um dos livros, intitulado *The Story of the Vivian Girls, in What is Known as the Realms of the Unreal, of the Glandeco- Angelinian War Storm Caused by the Child Slave Rebellion*, tinha 15.145 páginas. É considerada a mais longa obra de ficção alguma vez escrita.

Darger é hoje visto como um dos mais desconcertantes artistas no campo da *Outsider Art* ou *Arte Bruta* - uma das mais importantes colecções nesta área foi iniciada pelo pintor e escultor Jean Dubuffet e está actualmente reunida no museu Colecção de Arte Bruta de Lausanne, Suíça.

Para além do que ficou conhecido como *Realms of the Unreal*, no quarto de Darger foi também encontrado uma seqüela com oito mil páginas, uma autobiografia, vários diários e um registo exaustivo das condições meteorológicas diárias ao longo de dez anos.

O clima era uma obsessão para Darger. Nathaniel Rich conta num texto publicado na revista norte-americana *The New Republic* que, quando alguém o encontrava na rua e o abordava, ele não respondia directamente, em vez disso começava a falar do tempo e em particular de tempestades e tornados. A sua vida parece, aliás, ter sido profundamente marcada por um tornado a que terá assistido.

A história é contada pelo próprio nas suas memórias. O livro, *The History of My Life*, tem cerca de cinco mil páginas e começa por descrever a sua infância. Darger (1892-1973) nasceu em Chicago. A mãe morreu quando ele tem quatro anos, a irmã recém-nascida é dada para adopção e ele nunca chega a conhecê-la. Passa a infância com o pai, mas quando a saúde deste se deteriora, Darger é levado primeiro para uma instituição católica para rapazes e, depois, para um asilo para "crianças com a cabeça fraca", onde terá sofrido castigos violentos.

A guerra das Vivian Girls

Depois de várias tentativas falhadas, consegue fugir em 1908 e, ao caminhar a pé de volta a Chicago, assiste ao fenómeno que o marca profundamente: um enorme tornado, que deixa devastada uma parte da zona de Illinois. A descrição da história da sua vida é interrompida na página 206 e a partir daí as 4878 páginas seguintes são dedicadas à descrição do



Um dos rostos de Darger.

tornado e dos seus efeitos.

O quarto onde Darger viveu foi cuidadosamente reconstituído no Intuit: Center for Intuitive and Outsider Art, em Chicago - móveis de madeira cheios de papéis, imagens da Sagrada Família na parede, uma lareira, mais imagens religiosas, retratos de crianças. A infância era outra das suas grandes obsessões. Foi por isso que criou a longuíssima história - em texto e em três volumes com centenas de aguarelas, rolos e rolos de desenhos, encontrados também no seu quarto - das Vivian Girls e a sua guerra contra os bárbaros da Glandelinia.

A história dos *Realms of the Unreal* passa-se num planeta muito maior do que a Terra e do qual esta é uma lua. A guerra opõe a nação cristã da Abbiennia às forças bárbaras da Glandelinia, que massacram povos inteiros e condenam as crianças à escravidão. As heroínas são as sete louras Vivian Girls, filhas do imperador da Abbiennia, e que ao longo de milhares de páginas enfrentam as forças do mal numa guerra apocalíptica.

As imagens que Darger usa são geralmente de crianças angelicais, recortadas de revistas e ampliadas (gastava parte considerável do seu pequeno ordenado a fazer ampliações). Entre estes rostos de crianças havia um que o fascinava mais do que todos: o de Elsie Paroubek, uma menina de cinco

“ [A colecção de *Outsider Art* do Miguel Bombarda tem] coisas muito antigas e com grande valor histórico. Se o seu país não estiver interessado em cultura e não a quiser que diga, porque há muita gente no mundo interessada.

John Maizels, editor da revista *Raw Vision*



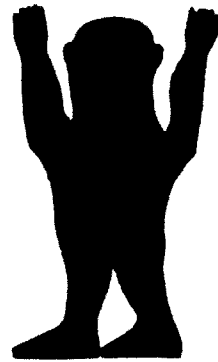
anos assassinada em 1911, e cuja foto apareceu no jornal. Darger recortou-a e guardou-a até que um dia a perdeu - segundo dizia, tinha-lhe sido roubada do cacifo no trabalho.

Quando já estava no lar, disseram-lhe que todo o seu universo secreto tinha sido descoberto. Ele respondeu apenas: "Agora é demasiado tarde."

E, no entanto, uma das principais características da *Arte Bruta* é o facto de os seus autores trabalharem apenas para si próprios. Não estão interessados em expor ou em vender os seus trabalhos. Fazem-no unicamente por necessidade de se exprimirem, explica ao P2 Sarah Lombardi, da Colecção de Arte Bruta de Lausanne.

Quando se folheia o livro sobre este museu da série *Museus Suíços*, sucedem-se os rostos destes artistas que só foram descobertos por um golpe de sorte - e porque Jean Dubuffet se empenhou em reunir as suas obras antes que elas se perdessem.

Laure, por exemplo, é uma mulher de ar sonhador, cabelo às ondinhas coladas à testa. Nascida em 1882, foi só depois da sua morte, em 1965, que se descobriram os perto de 500 desenhos que fizera nos últimos 30 anos da sua vida e que, julga-se, ela via como mensagens mediúnicas e não como obras de arte - e que, aliás, nunca mostrara



Um dos trabalhos de Darger.

a ninguém. São traços ondulantes, por vezes insistentes, noutros casos rendilhados, azuis, que compõem figuras, por vezes com rostos em perfil.

Emile Josome Hodinos, nascido em 1853 em Paris, é internado aos 23 anos num asilo, onde acabará por morrer. Passa grande parte da sua vida a desenhar obsessivamente projectos de medalhas e no início da sua autobiografia descreve-se como se fosse ele próprio uma efígie de uma medalha comemorativa.

A obsessão é, aliás, um traço de muitos destes artistas, como o mineiro Augustin Lesage, que garantia ter ouvido uma voz que lhe dissera que seria pintor. A primeira obra que fez foi numa tela de nove metros quadrados que pintou minuciosamente, com detalhe obsessivo, durante mais de um ano - limitando-se, dizia, a cumprir o que lhe era indicado pelos espíritos, que iam desde o da sua irmã Marie, morta aos três anos, a Leonardo da Vinci.

A colecção portuguesa

Em Portugal existe uma importante colecção de arte de doentes mentais - *Arte Bruta* ou *Outsider Art*, como é chamada. Os desenhos, pinturas, e até fotografias que constituem a colecção do Hospital Miguel Bombarda, em Lisboa, formam um conjunto "de grande valor em termos da história das

criações autodidactas nos hospitais psiquiátricos europeus", de acordo com a avaliação feita por Lucienne Peiry, directora do museu *Collection de l'Art Brut de Lausanne*, Suíça, uma das mais importantes instituições ligadas a este tipo de arte.

O museu suíço e a sua directora subscreveram um abaixo-assinado pela preservação do Museu de Pintura de Doentes e das Neurociências do Hospital Miguel Bombarda. "As obras têm um valor histórico importante em termos da produção feita nos hospitais psiquiátricos no início do século XX", confirma ao P2, numa conversa telefónica, Sarah Lombardi, do museu de Lausanne.

Antigamente não se valorizava este tipo de trabalhos. Lombardi dá o exemplo de Aloïse, uma das artistas representadas na colecção suíça. "Quando foi internada num hospital psiquiátrico começou a criar. Ao princípio destruíam-se as suas criações, mas depois houve uma médica que se interessou...".

No Miguel Bombarda, o caso de Jaime Fernandes, que aí esteve internado, tem semelhanças com o de Aloïse. Muitos desenhos deste artista que hoje está representado em museus como o de Lausanne ou a colecção abcd, em Paris, ou ainda na Gulbenkian, em Lisboa, foram destruídos ou perderam-se. O que Victor Freire, um dos administradores do hospital - que está a encerrar sem que os ministérios da Saúde e da Cultura tenham tomado uma posição sobre o futuro do museu e da colecção -, quer garantir agora é que as obras que chegaram até nós desde o início do século XX não se percam também. Daí o apelo e o abaixo-assinado - que teve o apoio de figuras como a pintora Paula Rego e o neurocientista António Damásio.

John Maizels, editor da revista *Raw Vision*, editada no Reino Unido e especializada em *Outsider Art*, foi um dos subscritores do apelo. "É uma colecção de *Outsider Art* muito importante e é parte da herança cultural de Portugal", escreveu. Ao telefone com o P2 é ainda mais afirmativo: "É uma colecção com coisas muito antigas, e com grande valor histórico. Se o seu país não estiver interessado em cultura e não a quiser que diga, porque há muita gente no mundo interessada."

Maizels destaca o facto de ser uma colecção com obras muito antigas, "o que é raro". E diz que não tem conhecimento de que exista na Península Ibérica outra desta dimensão - estão identificadas 3500 obras desde 1902. "O que é que fazem se encontrarem moedas romanas? Vão querer pô-las num museu, não? Pois aqui é a mesma coisa." Há já hoje muitos museus e colecionadores deste tipo de arte, que é reconhecida como "uma componente muito importante no desenvolvimento da arte visual e da sua relação com o espírito humano criativo".

Jean Dubuffet também teve inicialmente grandes dificuldades em conseguir um lugar para a sua colecção, lembra Sarah Lombardi. Face ao desinteresse manifestado por Paris, o artista acabou por escolher Lausanne. Hoje o Museu de Arte Bruta tem mais de 40 mil visitantes por ano interessados em descobrir os imensos mundos que existiam dentro das cabeças destas pessoas que nunca disseram de si próprias que eram artistas.



Um dos trabalhos de Darger.



Augustin Lesage também está na colecção suíça.

gOLISBON

[Go Lisbon Home](#) | [HOTELS](#) | [HOSTELS](#) | [APARTMENTS](#) | [POUSADAS](#) | [TOURS](#) | [MAPS](#) | [TRANSPORT](#) | [PRACTICALITIES](#)

[SIGHTS & ATTRACTIONS](#) | [MUSEUMS](#) | [BEACHES](#) | [ACTIVITIES](#) | [EATING & DRINKING](#) | [NIGHTLIFE](#) | [FADO](#) | [SHOPPING](#)

[PORTUGAL](#) | [PORTUGUESE CULTURE](#) | [LEARN PORTUGUESE](#) | [FORUMS](#) | [BLOG](#) | [PHOTO GALLERIES](#)

"(GoLisbon.com is) packed with up-to-date info on sightseeing, eating, nightlife and events."

--LONELY PLANET

"The blog with the most comprehensive tourist information (about Lisbon) is without a doubt that of GoLisbon (...). A visit not to be missed."

--METRO Paris

"(GoLisbon is) an amazingly comprehensive English-language site covering most everything in Lisbon, with a focus on what's new."

--NEW YORK magazine

"Thanks to GoLisbon.com (for finding favorite Lisbon spots)"

--THE TIMES, London

[Lisbon Tours](#) Guided Tours of Lisbon, Day Trips Wine Tours, Shows, plus much more www.aalisbon.com

[Clube de Fado, in Lisbon](#) Magical night in Lisbon with Mário Pacheco & greatest Fado talents www.clube-de-fado.com

[Stylish Aparts in Lisbon](#) Free First Payment! Pay only when you arrive Rent4Days.com/Lisbon-Apartments

Ads by Google

« [Lisbon Christmas Advice from the New York Times \(and GoLisbon.com\)](#)

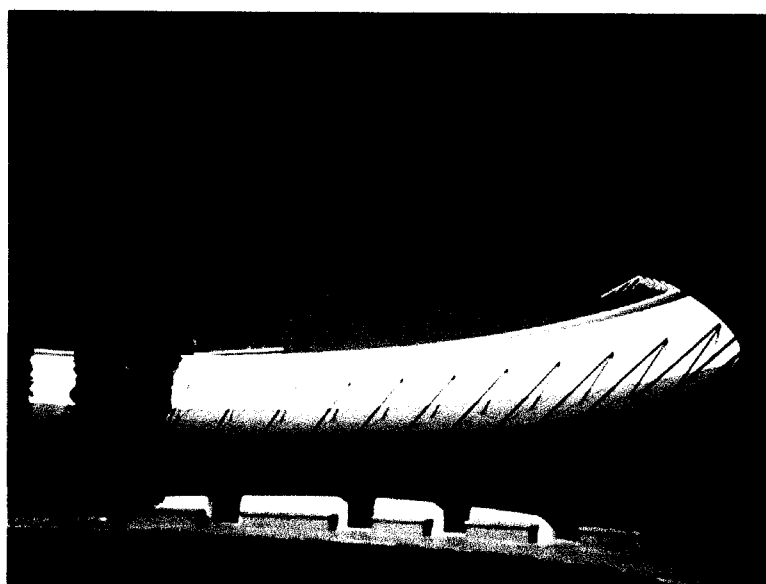
« [Hotel da Estrela](#) » – A New Hotel in One of Lisbon's Most Charming Neighborhoods »

A New and Unusual Museum in Lisbon

24

tweets

retweet



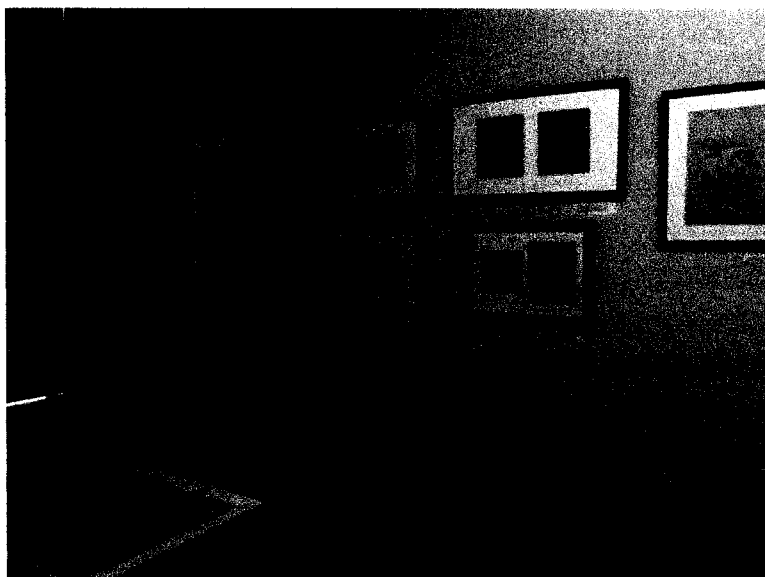
The Pavilhão de Segurança ("Security Pavilion") Museum is one of Lisbon's least-known and most unusual attractions.

Found in a hospital's 19th century panopticon (a circular prison where prisoners are observed at all times), it's a recently renovated space to show the art created by mentally-ill patients.

The building is of architectural interest, as it is the only panopticon in the world with an open-air courtyard. It is surrounded by 26 cells and in addition to the 3500 sketches, paintings and sculptures (called "art of the insane," or "raw art" or "outsider art" in the art world) there are displays of furnishings that made up this hospital-prison. Many of them are interesting examples of industrial design of the 1920s and 30s, and there is also some rather disturbing medical equipment.

The museum is free to visit, and it's open on Mondays, when most others in the city are closed. The opening times on that day are 2PM-6PM, as it is on Saturdays. The third opening day is Wednesdays, from 11:30AM-1PM. On all other weekdays, visits are by appointment only, and you may also ask for a guided tour.

Address: Rua Dr. Almeida Amaral, 1
Phone: 213177400



Related Posts

1. [Lisbon Celebrates World Museum Day](#)
2. [Sintra's New Natural History Museum](#)
3. [Lisbon's Chiado Contemporary Art Museum Now and in the Future](#)
4. [A First Look at the New Paula Rego Museum](#)
5. [Lisbon's Design Museum is Finally Opening](#)

This entry was posted on Monday, November 1st, 2010 at 10:53 am and is filed under [Art](#), [Sights](#). You can follow any responses to this entry through the [RSS 2.0](#) feed. You can [leave a response](#), or [trackback](#) from your own site.

Leave a Reply

You must be [logged in](#) to post a comment.

Go Lisbon Blog is proudly powered by [WordPress](#)
Entries (RSS) and [Comments](#) (RSS).

[Go Lisbon Home](#) | [HOTELS](#) | [HOSTELS](#) | [APARTMENTS](#) | [POUSADAS](#) | [TOURS](#) | [MAPS](#) | [TRANSPORT](#) |
[PRACTICALITIES](#)
[SIGHTS & ATTRACTIONS](#) | [MUSEUMS](#) | [BEACHES](#) | [ACTIVITIES](#) | [EATING & DRINKING](#) | [NIGHTLIFE](#) |
[FADO](#) | [SHOPPING](#)
[PORTUGAL](#) | [PORTUGUESE CULTURE](#) | [LEARN PORTUGUESE](#) | [FORUMS](#) | [BLOG](#) | [PHOTO GALLERIES](#)

Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda

O mais importante edifício de finais do século XIX, princípios do século XX, em Portugal

À memória do Prof. Miguel Bombarda, principal dirigente da Revolução Republicana, no centenário da sua morte, a 3 de Outubro de 1910.

O Pavilhão de Segurança (1892-1896) do então designado Hospital de Rilhafoles, em Lisboa (o primeiro hospital psiquiátrico português, fundado em 1848), foi concebido para enfermaria-prisão. Destinado a doentes da penitenciária, ou que haviam cometido crimes, não deve ser confundido com uma enfermaria psiquiátrica típica da época ou com as outras do Hospital.

Local de sofrimento e dor (antes do aparecimento dos psicofármacos na década de 1950) é, paradoxalmente, um edifício de grande beleza, poderoso e inesquecível. Compreende um corpo rectangular de apoio e um corpo circular, o espaço de reclusão, com vinte celas-quartos e seis dormitórios (além de sanitários, refeitório e sala de reunião), dispostos axialmente a partir da única porta de acesso ao exterior e dando para um vasto pátio-praça com 32 metros de diâmetro, onde, ao centro, existia uma torre-quiosque de vigilância.

Foi mandado construir pelo Prof. Miguel Bombarda, prestigiado director do Hospital, entre 1892 e 1910, e dirigente máximo da revolução republicana. Uma recente investigação descobriu o projecto (guardado na Torre do Tombo) bem como o seu autor, José Maria Nepomuceno (1836-1895), um arquitecto esquecido e tido, erradamente, por conservador. Enquanto chefe de divisão das Obras Públicas, é de sua autoria grande parte das remodelações e da construção nova no sector assistencial em Lisboa, incluindo, no Hospital de Rilhafoles, um grande pavilhão com inédita planta em "poste telefónico", uma cozinha com cobertura piramidal sustentada por invulgares tirantes concêntricos, e dois vastos telheiros de madeira, ferro e telha, para o "passeio



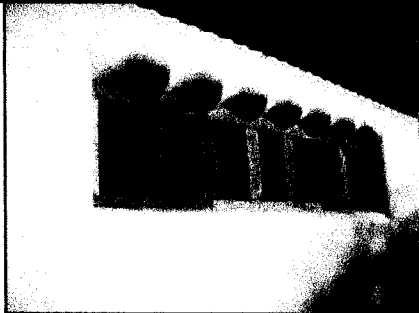
Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda.

dos doentes", um deles com 80 metros de extensão.

O Pavilhão de Segurança é um dos raríssimos edifícios panópticos do mundo (sistema inventado em 1787 pelo juriconsulto inglês Jeremy Bentham) e só esse facto o tornaria relevante na história da arquitectura portuguesa. Integra um grupo de seis edifícios que mais se aproximam do modelo de Bentham (as penitenciárias de Breda, Arnhem e Haarlem, na Holanda, Stateville, nos EUA e

Ilha dos Pinheiros, em Cuba), sendo o único com pátio a descoberto (o ar livre beneficiava o estado mental dos pacientes e evitava a propagação de doenças) e o único visitável pelo público.

E o reconhecimento internacional aí está: o sítio de Internet da Universidade de Londres (UCL), dedicado a Jeremy Bentham, concede, desde 2009, significativo destaque ao Pavilhão de Segurança na listagem que apresenta de edifícios panópticos no mundo.



No exterior, o vanguardismo de janela com arredondamentos e de horizontalidade anti-clássica.



Arredondamentos racionalistas em frestas-janela e contrafortes, no exterior.

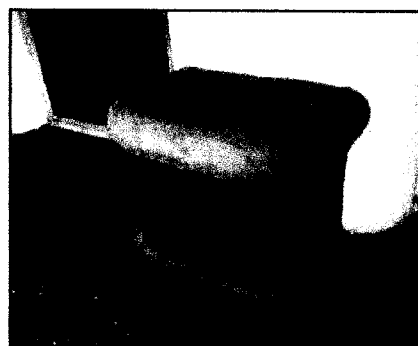
O Panóptico é um sistema arquitectónico que possibilita a vigilância permanente dos presos: num edifício circular de vários pisos, as celas, com grades, dão para um espaço central vazado e coberto, onde se situa uma galeria ou uma torre de observação para visualização das celas e do seu interior. É frequente confundir-se o sistema panóptico com o sistema radial (de John Haviland), bastante comum nas penitenciárias da Europa e América Latina no século XIX: as celas distribuem-se por vários blocos rectangulares e não circulares, que irradiam de uma sala central (por vezes com torre), de onde se visualizam os corredores dos blocos e não as celas (como na grandiosa penitenciária de Lisboa, nas de Coimbra e Santarém).

O Panóptico é paradigma do poder dos edifícios em influenciar o comportamento humano e tornou-se um símbolo, ou alegoria, de violação da privacidade, um pré *Big Brother* de George Orwell, divulgado depois por Foucault. Mas, na verdade, o Panóptico era uma máquina inofensiva, quando comparada com os instrumentos para manipular as mentes, criados pelos regimes totalitários no século XX, ou com os sofisticados meios de vigilância actuais... E Bentham foi um progressista para o seu tempo, que colaborou com os liberais portugueses na feitura da Constituição de 1822 e que defendeu a despenalização da homossexuali-

dade ou o sufrágio universal.

Mas, além de panóptico, o Pavilhão de Segurança, no corpo circular, exhibe um estilo (ou melhor, linguagem formal) vanguardista em termos internacionais, com amplos arredondamentos de arestas em exteriores, antecipando a grande revolução de design e da arquitectura moderna dos anos 1920 e 1930.

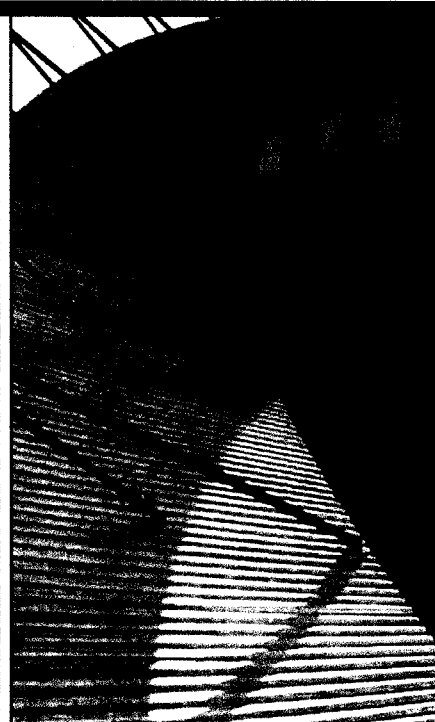
Os arredondamentos nos bancos fixos e nas portas que circundam o pá-



Arredondamentos que antecipam o design dos anos 1920 e 1930.

tio teriam como função evitar contusões (em doentes agitados), facilitar a limpeza e conferir maior resistência dos materiais ao choque – precisamente as razões justificativas do design industrial ou de produto. São arredondamentos de feição racionalista, com secção simétrica em quarto de círculo, tal como os electrodomésticos e o mobiliário três décadas depois (ver mobiliário Bauhaus de estrutura tubular dobrada em quarto de círculo, aspiradores, frigoríficos, rádios, etc.) ou a arquitectura Streamline e Art Déco não historicista (ver “Casa da Cascata” (1935-1936) de Frank Lloyd Wright e, em Lisboa, imóveis “Hotel Victória” (1936) de Cassiano Branco e “Diário de Notícias” (1936) de Pardal Monteiro).

Se no pátio a função gerou a forma dos arredondamentos, no exterior do corpo circular os arredondamentos estendem-se, ainda mais amplos, a janelas, frestas e contrafortes, definindo claramente uma nova lingua-

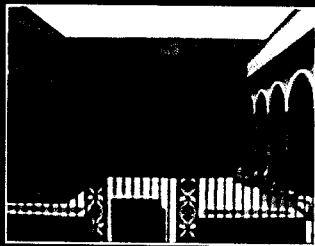


A modernidade do telheiro: levíssimo e de de canalado radial.

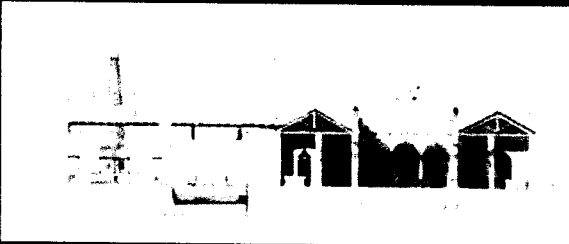
BALNEÁRIO D. MARIA II, PATRIMÓNIO EM RISCO

Inaugurado em 1853, pela rainha D. Maria II, o Balneário do Hospital de Kilhafelos foi considerado na época o melhor da Europa. De pendor romântico, conjuga exuberantemente Neogótico, Neorenascença e arquitectura do ferro, além da notável policromia estratificada da azulejaria de fachada. Destinava-se a banhos terapêuticos aplicados, especificamente, em psiquiatria: de vapor com aromas medicinais, de ar quente, de duche vertical e lateral, de onda, quentes, frios, etc. Conserva-se parte dos equipamentos como tinas, cabines de duche e banheiras.

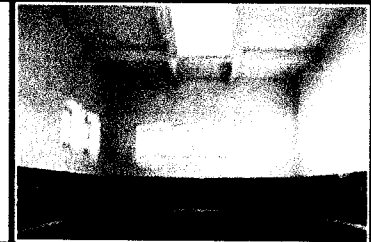
Embora classificado Imóvel de Interesse Público, o Balneário D. Maria II apresenta as suas elegantes arcadas em sério risco de colapso a curto prazo, tendo sido escoradas por indicação do I LNEC. E a abertura de tendas tem provocado o desprendimento e quebra de dezenas de azulejos.



Balneário D. Maria II



Balneário D. Maria II



Balneário D. Maria II - detalhe da estrutura

gem formal, ainda hoje inusitada, radical e pré-modernista.

O vanguardismo do Pavilhão também se manifesta no betão (material recente) dos bancos fixos, escultóricos, qual símbolo da modernidade do edifício. Também as janelas do refeitório e da sala de reunião, com singular arqueação, apresentam uma revolucionária horizontalidade anti-clássica. Sublinhe-se, ainda, o genial telheiro de ferro e zinco, levíssimo e milimétrico, limpo de decoração, suspenso com estrutura em cinta, côncavo-convexo, com chapas de canelado não paralelo mas radial, fabricadas especificamente. E o conjunto assenta raízes no gosto, materiais e habitabilidade portugueses, em particular do Centro e Sul: graciosidade das cantarias, nudez e textura da cal, bancos fixos (poiais) de estar à porta, ar livre e praça.

Todo este vanguardismo e experimentalismo do Pavilhão de Segurança, do qual não se descortina paralelo em termos internacionais (um reconhecimento inevitável e que não tardará...), suplanta, inequivocamente, o de qualquer outra construção da época em Portugal (embora com exemplos de bom nível, mas sem características marcadamente inova-

doras). Representa, assim, o mais importante edifício da arquitectura portuguesa do virar do século.

Finalmente, uma palavra sobre as obras de restauro. Seguiu-se uma metodologia sequencial e que se pretendeu rigorosa. Primeiro que tudo, o aprofundado estudo histórico que evidenciou a enorme importância patrimonial do imóvel. Seguidamente, e perante essa importância, definiu-se a reutilização como Enfermaria-Museu (à semelhança das casas-museu), de modo a garantir a salvaguarda da autenticidade e ambiência hospitalares dos interiores, consubstanciada no Programa. E só depois, com base no estudo e no Programa, foi elaborado o Projecto submetido ao IPPAR, da autoria do arquitecto Alejandro Lauria, com especialização em restauro.

Saliente-se a elaboração de estudos sobre os revestimentos, betão e história cromática do edifício (este para determinar a cor original), pelo LNEC; a utilização de argamassa pré-doseada à base de cal, sem cimento industrial, assegurando a longevidade da estrutura; a reposição dos caixilhos em madeira, ou o emprego de moldes e de testemunhos do existente, na execução dos

arredondamentos em janelas, frestas e contrafortes. ■

BIBLIOGRAFIA

Fairweather, Leslie, *The Evolution of the Prison, Prison Architecture*, United Nations Research Institute, Londres, s.d..

Laboratório Nacional de Engenharia Civil, *Revestimentos Exteriores de Paredes do Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda*. Relatório 62/06, da autoria de Martha Lins Tavares e Maria do Rosário Veiga, Lisboa, 2006.

Freire, Vítor Albuquerque, *Panóptico, Vanguardista e Ignorado, o Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda*, Lisboa, Livros Horizonte, 2009.

PAVILHÃO DE SEGURANÇA - MUSEU

Além da originalidade e beleza de um edifício único, exibe-se parte da vasta colecção de pintura de doentes (*Arte Crua / Outsider Art*), material clínico e hospitalar e exposições temáticas temporárias.

R. Dr. Almeida Amaral, n.º 1, Lisboa
Tel.: 213 177 400
pavilhaosegurancamuseu@chpl.min-saude.pt

Horário: Sábado das 14h às 18h;
Quarta-feira das 11h30 às 13h.
Outros dias com marcação.
Parque e entrada gratuitos.

VÍTOR ALBUQUERQUE FREIRE

O pavilhão maldito que sobrevive escondido no coração de Lisboa

Era a Enfermaria 8, um lugar que todos preferiam esquecer que existia. E, no entanto, o pavilhão projectado em 1892 por José Maria Nepomuceno para os doentes mentais perigosos é, diz Vítor Freire, administrador no hospital psiquiátrico Miguel Bombarda, em Lisboa, “o mais importante edifício dos finais do século XIX, princípios do século XX, em Portugal”.



Alexandra Prado Coelho

● Há segredos guardados no centro de Lisboa. Este segredo é um edifício - “maldito”, dizem alguns. Foi cenário de histórias de sofrimento profundo. Correu o risco de desaparecer sem que tivéssemos chegado a dar pela sua existência. Salvo pela paixão de um homem, recuperou o branco original e a dignidade. Mas continuamos a passar por ele e a não o ver.

São muros atrás de muros. Para chegarmos ao Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda (actualmente integrado no Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa) temos primeiro que encontrar a porta, meio escondida, do hospital - subir a Rua Gomes Freire, ao longo do muro, chegar quase ao Campo Mártires da Pátria, e passar então o portão. É aí, no edifício principal, um antigo convento, que nos recebe Vítor Albuquerque Freire, administrador e historiador, autor de *Panóptico, Vanguardista e Ignorado* (Livros Horizonte, 2009), uma investigação sobre a história do Pavilhão de Segurança.

Depois ainda é preciso subir uma rua, passar por outros edifícios e pavilhões, alguns vazios, outros semidestruídos (o Ministério da Saúde chegou a dar ordens para a demolição de um deles, mas depois suspendeu-as e o edifício tem-se

encarregue de se transformar a si próprio em ruína). O Miguel Bombarda está em vias de ser desactivado e tem neste momento já um número relativamente baixo de doentes internados. E de repente, no meio deste cenário, surge, redondo, branco, como se pertencesse a outro mundo, o Pavilhão de Segurança, a “maldita” 8.ª Enfermaria, que Vítor Freire descreve no livro como “enfermaria-prisão de doentes mentais condenados e inimputáveis, ou tão-só perigosos, tal como se recomendava nos países mais avançados desse tempo, e concebida muito antes da revolução terapêutica proporcionada pelos psicofármacos nos anos 1950”.

“Sermões apocalípticos”

Há um primeiro bloco rectangular e, a seguir, uma passagem leva-nos à zona circular. Abre-se o portão e, como se o edifício nos abraçasse, entramos nesse outro mundo que foi para muitas centenas de doentes durante décadas o único que conheceram. A toda a volta, as portas das celas, pintadas de verde, e, junto a elas, bancos redondos, de cimento, com a base azul. Sobre as nossas cabeças, o telheiro de zinco, suspenso, confiante na resistência elegante da sua complexa curvatura. Hoje o centro tem relva e árvores, mas nem sempre o pavilhão foi

este lugar de paz fechado sobre si mesmo, alheio à cidade que o rodeia.

Em Novembro de 1899, um repórter da revista *Brasil-Portugal* visitava a instituição dirigida por Miguel Bombarda (que na época se chamava ainda Hospital de Rilhafolles). A descrição que faz é sugestiva: “No pavilhão dos agitados, onde entrámos sob os raios de um sol abrasador, que excita e agrava a loucura, sessenta ou oitenta homens gesticulavam, berravam, simulavam murros, os punhos cerrados, injectadas as veias, esgazeados os olhos, destaca-se aquele, toma a nossa frente, lança-nos um olhar que parece um punhal, e grita-nos com toda a força: ‘Assassinol! Assassinol!’” Entre homens que mataram as mães, os pais ou as amantes, e que “a fúria tornou feras”, passa um segurando uma folha de papel e lendo alto “versos tremebundos... que lá não existem”, enquanto outro prega “sermões apocalípticos para converter os hereges”, e outros simplesmente insultam jornalista e fotógrafo.

Vítor Freire foi desenterrar nos arquivos a história do edifício que o apaixonou e que não tem dúvidas de que é absolutamente único na cidade. “Este é um edifício panóptico [modelo concebido pelo filósofo inglês Jeremy Bentham, no qual os presos podem ser constantemente vigiados a partir

de uma torre central], um dos raros existentes no mundo”, afirma.

Neste caso a torre desapareceu há muito tempo, e não havia sequer memória dela até ter chegado às mãos de Vítor Freire a edição da revista *Brasil-Portugal* com a reportagem e uma fotografia do “pavilhão dos furiosos”, onde estes, alguns dos quais com camisas-de-forças, aparecem em frente a uma pequena torre (não se justificava que fosse muito alta porque o pavilhão só tem um piso térreo) de metal trabalhado. O desaparecimento justifica-se: a torre era inútil, porque um guarda podia facilmente controlar todo o pátio a partir de qualquer ponto.

Um telheiro “do séc. XXI”

Mas o pavilhão é muito mais do que isso - é, defende o administrador, que conseguiu que ele fosse recuperado -, um edifício moderno antes do tempo. “Embora, sendo de 1892-96, se possa integrar nas franjas mais audaciosas do movimento Arte Nova, constitui pela sua linguagem formal um edifício pré-modernista ou mesmo quase modernista.” Vítor Freire não hesita em considerar o Pavilhão de Segurança como “o mais importante edifício dos finais do século XIX, princípios do século XX, em Portugal”.

Mas quem foi, afinal, o autor do pavilhão encomendado por Miguel Bombarda? No Arquivo da Torre

do Tombo, Vítor Freire descobriu o projecto e o orçamento, aprovado pelo rei D. Carlos, no valor de 23.500\$00 réis. E descobriu uma informação inédita: o arquitecto responsável pelo pavilhão foi José Maria Nepomuceno (responsável também, por exemplo, pelo restauro da Igreja de São Vicente de Fora e do Convento da Madre Deus e pelo projecto da Escola Médico-Cirúrgica). O homem de rosto triste e barbicha comprida que aparece numa fotografia de 1884 reproduzida no livro “é uma figura esquecida e subavaliada, em parte consequência da deficiente investigação sobre a arquitectura do século XIX”.

José Augusto França chamou-lhe “arquitecto antiquado”, mas Vítor Freire acha uma injustiça perante o carácter “vanguardista” do Pavilhão de Segurança. Aqui Nepomuceno “exibe uma nova e inédita linguagem formal” com os “sistemáticos arredondamentos de arestas [para evitar contusões nos doentes]” que “antecipam em três décadas a revolução do design e da arquitectura dos anos 1920 e 1930”, veja-se os electrodomésticos, as cadeiras Bauhaus ou a arquitectura Déco e Streamline. Os materiais que emprega são “revolucionários”: o betão, que habitualmente se escondia e era tido “como material de inferior qualidade”, e o canelado radial de zinco do



O pavilhão está hoje transformado em enfermaria-museu

O Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda, projectado por José Maria Nepomuceno, é um edifício moderno antes do tempo

telheiro, uma “estrutura levíssima, que é muito do século XXI”.

A tudo isto junta o arquitecto traços do “modo de habitar em Portugal: bancos fixos (poiais) de estar à porta, a praça como local de convívio, a “robustez das alvenarias”, as molduras de cantaria, a “nudez da cal”. E, por fim, o telheiro “completamente limpo de decoração, mas milimetricamente belo, moderníssimo”. A relevância do edifício foi reconhecida pelo Instituto Português do Património Arquitectónico (Ippar), que em 2001 o classificou como “Imóvel de Interesse Público, em vias de classificação” - o que, independentemente do que venha a acontecer ao resto do hospital, já é suficiente para lhe garantir a protecção, assegurou ao P2 Elísio Summavielle, o director do Igespar, o organismo que sucedeu ao Ippar.

Era no pátio-praça, onde cultivavam pequenas hortas, que os doentes passavam grande

parte do tempo - “uma das exigências de Miguel Bombarda era tê-los o máximo de tempo possível ao ar livre, como forma de evitar a propagação de doenças contagiosas e de melhorar o seu estado mental”. Fotografias do final dos anos 60 mostram os doentes no pátio, alguns a jogar sentados nos bancos sem arestas, outros simplesmente a olhar.

Há gaiolas de pássaros penduradas à porta das celas, às vezes a objectiva do fotógrafo revela o interior, a cela nua, uma cama de metal, uma mesa-de-cabeceira, uma cadeira, um balde a fazer de casa de banho, e pouco mais (numa delas apenas um colchão no chão). As portas fechavam-se com um ferrolho, e os enfermeiros podiam espreitar para o interior através de um óculo na porta.

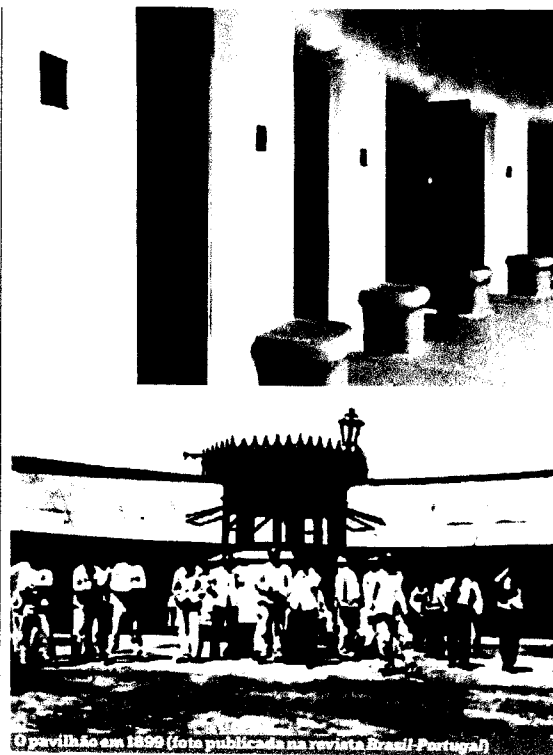
Damos a volta ao pátio - hoje o pavilhão está transformado numa enfermaria-museu, que se pode visitar - e passamos pelas portas das celas até perdermos a noção do sítio exacto por onde entramos. Lembramo-nos de João César Monteiro, numa cena de *Recordações da Casa Amarela* filmada aqui, a correr sem parar, à volta, sempre à volta até não haver começo nem fim neste círculo.

Gravadas na pedra do chão, em frente aos quartos, vêem-se estrelas que os doentes desenharam para passar o tempo.

Uma porta dá acesso a uma sala maior, de reunião, banco verde corrido ao longo da parede, azulejos por cima, a luz do dia a entrar por um lanternim-respiradouro. Um espaço onde, conta Vítor Freire, acabaram por ser colocadas camas e que foi adaptado a enfermaria. Mais à frente a casa de banho com as banheiras de pedra (recuperadas nas obras de restauro) e os lavatórios, corredos, com azulejos. E depois o refeitório, e já demos a volta completa.

Aqui viveram, alguns deles durante décadas, artistas como Jaime Fernandes (que António Reis retratou no filme *Jaime*), hospitalizado aos 37 anos com esquizofrenia, e que passou 30 anos no Miguel Bombarda, onde acabou por morrer em 1969; poetas como Ângelo de Lima; e outros, como o bailarino Valentim de Barros - do qual há uma fotografia à porta da sua cela, cheia dos tecidos que bordou enquanto viveu no Pavilhão de Segurança.

“Foi sempre um edifício maldito”, repete Vítor Freire. Incompreendido, rejeitado e ignorado. E ainda hoje vítima do preconceito da sociedade em relação à doença mental. Se calhar os que mais se afeiçoaram a ele foram aqueles que se viram apanhados para sempre pelo seu abraço e aí viveram protegidos do mundo.



O pavilhão em 1899 (foto publicada na revista Brasil-Portugal)

PAVILHÃO DE SEGURANÇA, ENFERMARIA-MUSEU

Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa, Hospital Miguel Bombarda

Exposição “ Um Século de Pintura de Doentes – Outsider Art ”

(e o que é a Art Brut. Arte Crua ou Outsider Art)

No século XX, de um interesse quase exclusivamente clínico, a arte dos doentes mentais passa a ser reconhecida como de valor artístico específico e inovador, influenciando grandes figuras e movimentos, como Picasso e Klee ou o expressionismo e o surrealismo. Os livros de Walter Morgenthaler e de Hans Prinzhorn (1921 e 1922) são os primeiros estudos a demonstrar o elevado valor da arte dos “loucos”, o último dos quais baseado numa recolha selecionada de 5000 obras, em diversos hospitais europeus.

E nos anos 1940 Jean Dubuffet lança o conceito de Art Brut – Arte Crua, designando a arte livre de quaisquer padrões, fruto de necessidade pura e interior, de artistas sem formação ou autodidatas, em muitos casos com perturbação mental, um conceito de algum modo alargado nos anos 1970 para Outsider Art. Uma arte diferente e autêntica, muito heterogénea e inventiva, por vezes rude, que não se apreende de imediato, mas de crescente aceitação, e tão desprezada e desconhecida entre nós.

A actual colecção de Pintura de Doentes do Museu integra mais de três mil exemplares, incluindo também desenhos, pequenas esculturas, azulejos, bordados e textos. A colecção, assim como o Museu, constitui uma homenagem ao doente mental, ao seu sentir, inteligência e criatividade.

A exposição “Um Século de Pintura de Doentes – Outsider Art ”, exibe um conjunto dos mais antigos e preciosos (e frágeis) desenhos, de inegável valor estético e histórico, quase todos apresentados pela primeira vez. Complementa as anteriores e vem colocar definitivamente o Pavilhão de Segurança no circuito mundial dos museus que expõem Outsider Art (a melhor revista neste campo, a Raw Vision, refere o Museu em recente número).

Inicia-se com o desenho/projecto de uma megalómana fonte, de 1902, um guache com esboços da planta e de disposição no verso, do internado António Gameiro, pintor bolseiro da rainha, uma raridade em termos internacionais. Trata-se de uma pintura que certamente integrava o Museu criado pelo Prof. Miguel Bombarda, dos primeiros da Europa, descrito na imprensa e no livro de Júlio Dantas “Pintores e Poetas de Rilhafoles”, de 1900, e cujas obras se encontram desaparecidas há muito.

Também de importância internacional, pelo vanguardismo e mestria, exibe-se as fotografias de uma instalação, de José Gomes, de latas, arame e papel, de 1913, e uma instalação humana, performance ou fotografia intervencionada, do mesmo doente, no pátio das oliveiras do hospital, em 1914, uma composição surrealista antes do surrealismo, com o autor de vestes esfarrapadas, mais 4 pessoas, uma delas com uma guitarra, 4 cães, 1 cabra, a bandeira espanhola e dizeres.

Destaque-se ainda um desenho modernista, ou abstracto, de Alcobia (1912-1913), dois desenhos do poeta-pintor Ângelo de Lima (1919), as composições de um expressionismo abstracto de Ilda (1934), o desenho de uma enfermaria “desconstruída”, sem paredes, tecto e pavimento, com duas camas invertidas no espaço (1933), desenhos de traço automático ou “mediúnico”, composições de traço automático ou “mediúnico”, e desenhos surreais ou alucinatórios de Ernesto Afonso e de Maria Rosa Sousa. Além de outros desenhos muito singulares e heterogéneos, apresentando o conjunto uma surpreendente semelhança com as obras da célebre colecção Prinzhorn, de Heidelberg.

Finalmente, realce-se a exibição de dois Jaime Fernandes, artista outsider de renome mundial (representado no Museu de Lausanne, ou na colecção ABCD, e exposto em Nova Iorque), um deles inédito, em tons de verde, recentemente depositado no Museu, que junta o guache às linhas consecutivas a esferográfica, típicas das suas geniais obras.

Para uma introdução ao universo da Outsider Art, aconselhamos: os websites, da revista Raw Vision, da Collection abcd (Paris), da Collection de l'Art Brut (Lausanne), do American Folk Art Museum (Nova Iorque), do Intuit Center (Chicago); e os livros disponíveis pela internet “Outsider Art” de Colin Rhodes, “Raw Creation” de John Maizels, “À Corps Perdu, abcd collection”.

Deve ser garantida, urgentemente, a unidade e a complementaridade de arquivos, colecções e restante acervo

Hospital Miguel Bombarda: um tesouro para o futuro

Muito poucos se foram apercebendo de um tesouro escondido em Lisboa.

Além de edifícios belíssimos e únicos, agora reconhecidos com a classificação de conjunto de interesse público (Balneário D. Maria II, de 1853, e Pavilhão de Segurança, de 1896), o Hospital Miguel Bombarda (o terceiro grande hospital português, de 1848, a seguir ao Hospital de São José, em Lisboa, e ao Hospital de Santo António, no Porto, e onde exerceram as maiores figuras da psiquiatria portuguesa), possui um património artístico e arquivístico ímpar no país, e raro no contexto europeu.

O Pavilhão de Segurança-Museu dispõe de uma colecção de arte de doentes desde o início do século XX, com perto de 4000 obras, abrangendo variadíssima gama de tipologias (pré-surrealista, dismórfico, traço automático, abstracto-expressionista, etc.), reconhecida como de enorme valor a nível europeu por peritos estrangeiros (ver PÚBLICO de 2/2/2011). Arte *Naïf* e convencional, mas a maioria *Art Brut*, Arte Crua ou *Outsider Art*, com relevante conjunto datado dos anos 1920 e 1930, semelhante, em pureza criadora, à lendária colecção Prinzhorn, da mesma época, além de autores como o famoso Jaime Fernandes.

O museu também possui uma colecção de fotografia com 4500 exemplares, 1100 dos quais retratos de doentes para diagnóstico, desde o século XIX, sem paralelo

nacional, além de centenas de páginas em prosa e verso, desenhos de tatuagens, etc., e do acervo de material clínico e hospitalar.

Mas, sobretudo, o Hospital Miguel Bombarda conservou ao longo de 160 anos um arquivo hospitalar, específico das instituições psiquiátricas, que constitui um autêntico tesouro patrimonial para o país, e inclusive para a Europa, dada a sua antiguidade e integralidade (em muitos países desapareceram décadas de documentação, principalmente por más condições de armazenamento).

Dezenas de milhares de processos clínicos, desde as singelas papeletas do século XIX até às histórias clínicas do período Sobral Cid, verdadeiras peças literário-clínicas, incluindo a sintomatologia contada em discurso directo pelos doentes, árvores geneológicas, estudos morfológicos, rigorosa descrição da patologia e sua evolução, etc.

E, somente neste hospital, livros de registo sequencial de todos os doentes desde 1848, e, além dos processos clínicos, dezenas de milhares de processos de admissão e de processos médico-legais, de todo o país e de todos os estratos sociais, contendo ofícios de câmaras, tribunais, polícia, exército, e outras entidades, enviando doentes e cidadãos, cartas de médicos, cartas de familiares e de empresas ou dos próprios doentes, descrevendo os episódios de loucura, de crimes e roubos, de comportamentos considerados anti-sociais, troca de correspondência, etc. E ainda a documentação da direcção do hospital e dos diver-

sos sectores e serviços, incluindo livros de ocorrências. Uma fonte riquíssima e única para a investigação de ponta no campo das Neurociências (como mostra António Damásio), mas também um outro e profundo olhar sobre Portugal, de enorme importância para a investigação nos domínios da História, da História da Arte, da Sociologia, da Antropologia ou da Criminologia. São arquivos e colecções complementares: um doente está geralmente referenciado em diversos tipos de arquivos, por exemplo o autor de um desenho.

Deve assim ser garantida, urgentemente, dado o hospital estar prestes a encerrar, a unidade e a complementaridade de arquivos, colecções e restante acervo. Este tesouro arquivístico deve ser classificado como património nacional, e não deve ser disperso, mas sim permanecer nas históricas instalações hospitalares, integrado no Museu de Arte de Doentes e Neurociências (renovado e alargado, prestigioso para a cidade e o país), corretamente inventariado e acondicionado, e disponível a investigadores, tal como proposto às ministras da Saúde e da Cultura no apelo de 23 de Dezembro subscrito por grandes personalidades da Ciência e da Cultura.

Que a nossa elite, e os nossos políticos e decisores, compreendam sem delongas: os arquivos e as colecções do Hospital Miguel Bombarda são relevantíssima componente da Cultura portuguesa, são um tesouro para o futuro. *Historiador*

**Vitor
Albuquerque
Freire**

PÚBLICO 13/2/2011

PAVILHÃO DE SEGURANÇA ENFERMARIA-MUSEU

O Pavilhão de Segurança, de 1896, uma enfermaria-prisão construída para doentes da penitenciária ou que haviam cometido crimes, (não deve ser confundida com as outras enfermarias do hospital e da época) que funcionou até 2000, constitui, paradigmaticamente, pela sua originalidade e beleza, um imóvel de excepcional valor arquitectónico e histórico, classificado pelo Igespar (tal como o Balneário D. Maria II, de 1853).

O surpreendente edifício foi construído por decisão do Prof. Miguel Bombarda, prestigiado director do hospital e o principal dirigente da Revolução Republicana.

Da autoria do arquitecto José Maria Nepomuceno, é um dos raríssimos edifícios Panópticos existentes no mundo (vigilância a partir de uma torre central), sistema inventado por Jeremy Bentham em 1787.

O pátio-praça é zona de estar, ao ar livre, para os doentes permanecerem fora dos quartos, para beneficiar o seu estado mental e prevenir doenças contagiosas.

Além disso, o Corpo Circular do edifício, exhibe um estilo vanguardista único em termos internacionais, com arredondamentos racionalistas de arestas (evitando contusões), também no exterior, antecipando a revolução do design (electrodomésticos, mobiliário) e da arquitectura moderna das décadas de 1920 e 1930.

Hoje um espaço de homenagem às pessoas com perturbação mental, combatendo o preconceito, prossegue uma utilização de Enfermaria-Museu, após obras de restauro, exibindo (sem prejudicar a compreensão do edifício), parte do acervo do primeiro hospital psiquiátrico do país, o Hospital de Rilhafoles (1848), depois Hospital Miguel Bombarda:

- ◆ Equipamento clínico diversificado no campo das Neurociências, como um magneto do século XIX. Livros de registo de todos os doentes desde 1848 (das centenas em arquivo) e outros manuscritos, além de antigas fotografias, de doentes (análises), do hospital, e outras (de uma colecção com 4000 exemplares).

- ◆ Diversos núcleos de Pintura de Doentes, a maior e mais antiga colecção de Outsider Art – Arte Crua do país, com 3500 exemplares, e a única aberta ao público (Bombarda aqui criou um museu-colecção, dos primeiros da Europa, ainda no século XIX), de enorme espírito criativo, desde 1902, de dezenas de autores, como Jaime Fernandes, de renome mundial, Valentim, Hélio, Demétrio, ou Ângelo de Lima, poeta publicado por Fernando Pessoa.

- ◆ Mobiliário e equipamento, como armários e cadeiras de design hospitalar portugueses dos anos 1930 e 1940, macas, autoclaves, etc
- Lavatório, Casa de Banhos e Sala de Reunião, com silhares de azulejos e lanternim.

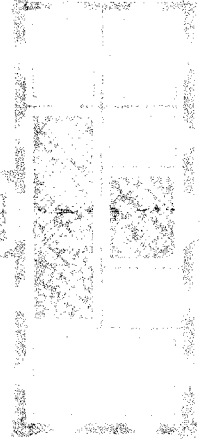
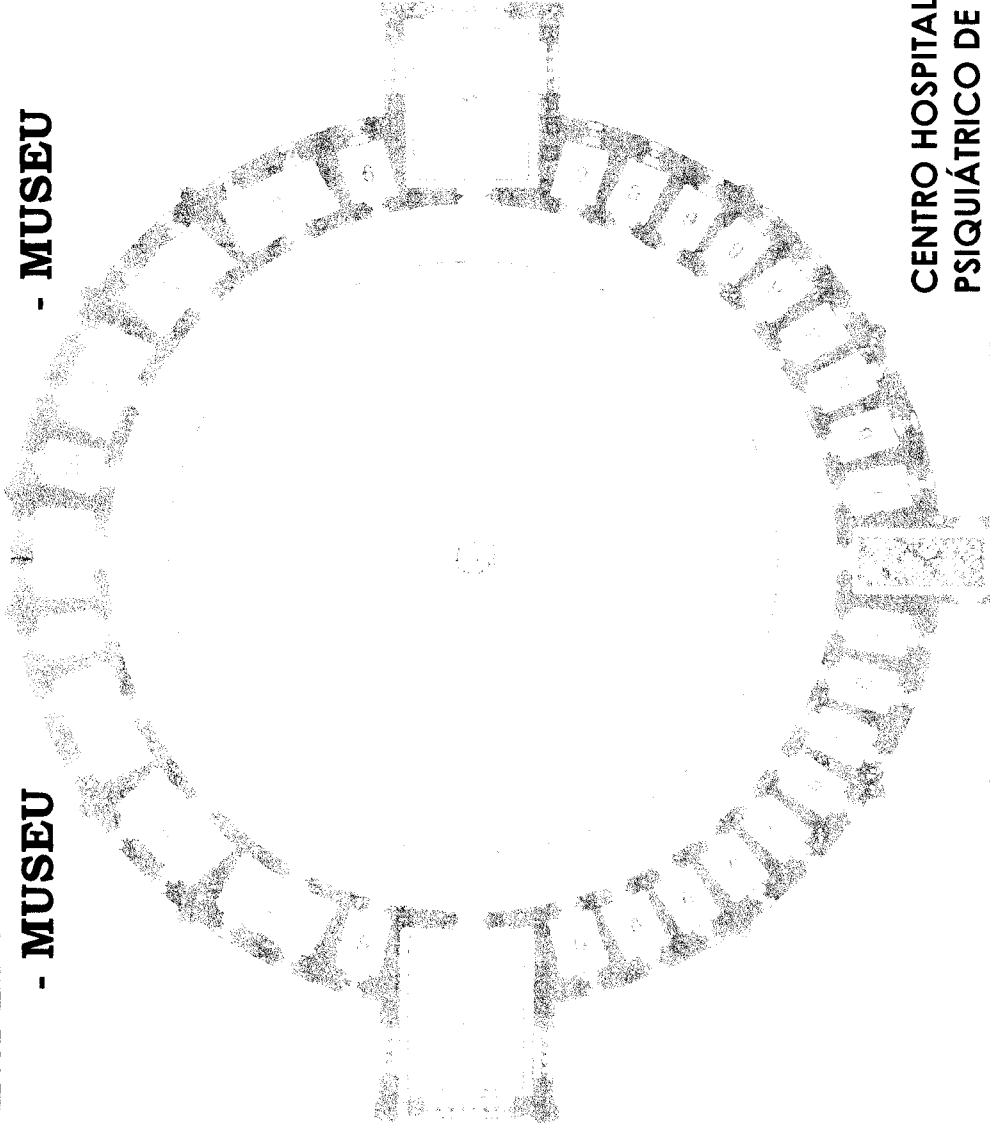
Endereço: R. Dr. Almeida Amaral nº 1 (ao Campo de Sant'Ana), 1169-053 Lisboa. Portugal., tel. 213177435 213177400 pavilhaosegurancamuseu@chpl.min-saude.pt

Horário: sábados e segundas 14,00 às 18,00h ; quartas-feiras 11,30 às 13,00 h, outros dias c/ marcação. Entrada e parqueamento gratuitos.

Museu membro da Associação Portuguesa de Museologia e da Associação Europeia de Museus de História das Ciências Médicas. (ed. 2010)

**PAVILHÃO
DE SEGURANÇA
ENFERMARIA
- MUSEU**

**PAVILHÃO
DE SEGURANÇA
ENFERMARIA
- MUSEU**



**CENTRO HOSPITALAR
PSIQUIÁTRICO DE LISBOA**

**HOSPITAL
MIGUEL BOMBARDA**